

**VIII Colóquio Internacional Marx e Engels**

**Centro de Estudos Marxistas (Cemarx)**

**Unicamp, 14 e 17 de julho de 2015**

**GT 4 - Economia e política no capitalismo contemporâneo**

**Uma nova fase do imperialismo?**

**Autor: Jorge Almeida**

## **Uma nova fase do imperialismo?**

**Jorge Almeida<sup>1</sup>**

### **Introdução<sup>2</sup>**

Esta é uma primeira comunicação pública de nossa pesquisa sobre o atual momento do imperialismo. Nela expomos as bases teóricas e históricas, a partir de Lenin e alguns autores marxistas contemporâneos, e uma amostra de dados empíricos com vistas a aprofundar a fundamentação de nossa hipótese de que estamos vivendo uma transição, dentro do longo período de mais de um século de imperialismo, para uma nova fase na qual há uma quebra da hegemonia global unipolar dos EUA, para um período de possível bipolarização no qual a China desponta como grande desafiante e liderança de um bloco imperialista em ascensão.

Devido ao espaço limitado, nos concentraremos num resumido resgate teórico e na descrição da situação da China e da Rússia e das suas alianças.

### **O imperialismo, de Lenin à atualidade**

A partir do estudo do desenvolvimento do capitalismo na virada do século XIX para o XX e das contribuições outros autores, Lênin, em 1916, elaborou sua concepção de “Imperialismo” como “fase superior do capitalismo”, a qual tem uma série de particularidades que a caracterizam.

São elas: aumento da concentração do capital em grandes empresas, gerando um predomínio econômico dos monopólios, diferente da fase anterior principalmente baseado na concorrência de empresas não monopolistas. Ampliação do papel do capital financeiro, que vai se monopolizando e ganhando preponderância sobre o capital industrial, mas sendo principalmente um capital financeiro que tem base na economia real, usufruindo parte do valor gerado na produção. Política de exportação de capitais dos grandes centros para outros países, buscando a exploração do mais valor nestes. Repartição do mundo em áreas de influência (de estados imperialistas e dos grandes monopólios) visando garantir os espaços para a extração de recursos naturais da periferia para o centro e mercado para a canalização de excedentes

---

<sup>1</sup> Professor Associado do Departamento de Ciência Política e do PPG em Ciências Sociais, FFCH/UFBA e Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Grupo de Pesquisas Processos de Hegemonia e Contra-hegemonia. [jorgealm@uol.com.br](mailto:jorgealm@uol.com.br)

<sup>2</sup> Agradeço as críticas e sugestões dos professores Eliziário Andrade e Luis Antonio Costa, que não são responsáveis pelos erros e lacunas aqui presentes.

produzidos no centro, significando isto que o neocolonialismo convive com a exportação de capitais e a implantação de empresas de países centrais na periferia (colônias e semi-colônias). É um processo que, pela concentração de riquezas, permite a cooptação do proletariado dos centros capitalistas, atendendo reivindicações de melhores condições de vida (Lenin, 2008).

Não há uma potência imperialista hegemônica inquestionável e a disputa por recursos, mercados, colônias e áreas de influência gera a deflagração de guerras interimperialistas, como a primeira e a segunda guerras mundiais.

Boron (2005) reafirma a atualidade do imperialismo, que mantém as suas características essenciais, mas identifica que, após a 2ª Guerra Mundial, alguns elementos da conceituação de Lênin foram superados. As guerras interimperialistas saíram de cena, dando lugar a uma convergência interimperialista com ataques de dirigidos a países da periferia. Surge, assim, uma segunda fase globalizada do imperialismo, uma nova etapa superior.

Outras novas características são: grandes monopólios transnacionais; agências econômicas - FMI, Banco Mundial, OMC; desenvolvimento do capital financeiro especulativo muito maior que o mais valor gerado na produção; grandes mídias internacionalizadas; estados formalmente independentes (fim das colônias) e governos democráticos submissos; privatizações e desregulações; aumento da dependência dos países da periferia e maior centralização nos EUA, que se consolidam como potência imperialista hegemônica pela força econômica, financeira, tecnológica, política, cultural e militar.

Mas sua supremacia econômica se enfraquece; há uma perda de prestígio dos EUA na sociedade civil mundial; e a China começa a despontar como potência.

Chesnais (2007) também vê transformações no imperialismo, que se tornou uma totalidade sistêmica. Além das fases identificadas por Boron, ele identifica uma terceira fase (atual), que começa na década de 1970, quando passa a haver uma grande preponderância do capital financeiro, gerando “um regime de acumulação com predomínio rentista”, que coincide com o período neoliberal. Este tipo de capital financeiro é diferente do referido por Lenin, pois não está lastreado no mais valor gerado na produção e é fruto da especulação (Chesnais, 1996 e 2007). Hoje, o capitalismo está dominado pelo capital parasitário por ser uma opção mais lucrativa diante da crise resultante da tendência da queda da taxa de lucros (Marx, 1980 e Rosdolsky, 2001).

A China está plenamente integrada à valorização planetária capitalista, com a particularidade de ser núcleo de acumulação produtiva e já manifesta características de país imperialista.

Há aí uma nova contradição: os investimentos e o crescimento econômico destes países são necessários aos EUA (e ao capital em geral) para enfrentar a queda tendencial da taxa de lucro, mas isso facilita a vida de “grandes rivais”.

Para Mészáros (2003 e 2002), o “início da crise estrutural ocorrida na década de 1970 produziu mudanças importantes na postura do imperialismo”, cada vez mais “agressiva e aventureira” e isso promove o potencial de autodestruição da humanidade tanto militarmente como por meio da destruição em curso da natureza.

Ele também define três períodos do imperialismo, denominando a atual de “Imperialismo global hegemônico”, que se caracteriza por: a) EUA como força hegemônica; b) Eclosão da crise estrutural; c) Necessidade imperativa de um “governo global”, com estrutura abrangente, presidido pelos EUA; d) Impossibilidade disso acontecer. Esta parece ser a principal contradição do capitalismo hoje, mas seria ilusório crer no declínio dos EUA como potência hegemônica.

Para Harvey (2004), após a década de 1970, ampliou-se a “acumulação por espoliação”, pois os EUA perderam o domínio da produção. Surgiram “subimperialismos”, na Europa, Leste da Ásia e Sudeste Asiático, que disputam áreas de influência, que hoje são mais superpostas.

Os EUA ainda tem vantagem na produção de tecnologia, mas estão em declínio, como pode ser visto com os seguintes dados: as patentes estrangeiras registradas nos EUA aumentaram de 40 para 50% entre 1980 e 2003; aumentam os estrangeiros que ganham prêmio Nobel; pesquisadores formados nos EUA voltam mais a seus países de origem; 400 grandes empresas estrangeiras instalaram grandes institutos de pesquisa na China; a pesquisa nos EUA está em declínio; a taxa de lucro fora dos EUA é maior; 20% de Wall Street pertence a estrangeiros; a competição internacional vai ficando mais difícil. É uma ilusão pensar numa recuperação da economia mundial confiando numa recuperação dos EUA.

Por outro lado, a China vai se transformando numa potência, mas não tem autonomia militar.

Ficam perguntas: de onde virá a nova onda de inovação? Isso levará a uma maior integração entre as economias e os estados ou a um maior tensionamento político-estatal?

Para Harvey, há uma lógica de poder conduzida por imperativos territoriais e interesses políticos na esfera estatal. E uma lógica capitalista de poder que

decorre do acúmulo de dinheiro, com certa autonomia em relação aos estados.<sup>3</sup>

## **A China, a Rússia e suas alianças**

A China vem de um longo percurso ocupando uma posição protagonista no cenário mundial. Em 2014, cresceu 7,4%, a Índia cresceu 6%, os EUA 2,4% e a Rússia decresceu<sup>4</sup>.

Segundo o Banco Mundial, a China deve ultrapassar os EUA em 2015. O estudo usa um critério de paridade de poder de compra (PPP), que é melhor para comparar o tamanho real de economias diferentes. Esta é também a conclusão da Agência Moody's.

Entre 2005 e 2011, o PIB chinês foi de 43,1% para 86,9% do PIB dos EUA. Da mesma maneira, a Índia ficará em 3º lugar. Pelo critério do FMI (PIB Nominal), os EUA continuam sendo a maior economia.

A expectativa de crescimento do PIB da China em 2015 é de cerca de 7%, cerca do dobro da média mundial (3,6%). Para a Índia é de 7,5% e para os EUA é de 3,4%.

A crise mundial e as contradições do capitalismo também se abatem sobre o gigante asiático mas é cedo para vermos uma grande crise.

A China já tem o maior PIB industrial; é o maior exportador e 2º importador no mundo; amplia a exportação de capitais; possui a maior parcela de títulos da dívida dos EUA; e compra terras em outros países.

Aprofunda sua penetração na África e na América Latina. Já concedeu mais de 50 bilhões de dólares em empréstimos à Venezuela em troca de petróleo. Assinou com a Argentina um "Convênio" permitindo a entrada privilegiada de capitais chineses em todos os setores. Na Nicarágua, está construindo um novo canal ligando o Pacífico ao Atlântico, que é três vezes maior do que o do Panamá, com a direito de exploração por 100 anos. E, como veremos, constrói alianças de grande potencial estratégico com Rússia, Índia e outros países na Ásia e Pacífico.

Depois do fim da URSS, a Rússia vinha num processo de recuo como potência, se aliando subalternamente aos EUA e à Europa e conciliando com as agressões militares dos EUA e da OTAN.

---

<sup>3</sup> Registramos que, por falta de espaço, deixamos de fazer referência a outros autores que contribuem para compreender a questão, como Rosa Luxemburgo, Mandel, Baran e Sweezy, Gramsci, os autores da teoria marxista da dependência (Marini, Bambirra, Theotônio dos Santos e Gunder Frank), Poulantzas.

<sup>4</sup> Todos os dados citados daqui em diante vem de fontes confirmadas, mas que não citamos aqui por serem muitos e o espaço pequeno.

A ameaça dos EUA à Síria, onde a Rússia tem uma base militar, marcou um giro em sua política internacional que se consolidou durante os conflitos na Ucrânia (onde também tem uma base militar na Crimeia) quando fez uma anexação e apoia os separatistas no Leste do país.

Aceitou o exílio de Snowden; faz ameaças afirmando que tem imagens que comprometeriam os EUA no ataque às Torres Gêmeas; anunciou que pode abrir novas bases militares; e assinou com o Irã um acordo militar “multifacetado e de longo prazo”, em janeiro de 2015.

O artigo de Putin no New York Times (simbolicamente publicado em 11 de setembro de 2013) foi um claro recado aos EUA e ao mundo e obteve enorme repercussão. Nele, Putin critica as intervenções militares dos EUA e faz ameaça velada de que, o desrespeito ao direito de veto (de Rússia e China) no Conselho de Segurança da ONU (CS-ONU), especialmente no caso Sírio, poderia gerar o caos no sistema internacional.

China e Rússia são o mais populoso e o mais extenso país da Terra e tem grandes interesses comuns. A China está se transformando na maior economia do mundo e a Rússia é uma potência energética e tem tecnologia bélica e espacial de ponta; e tem direito de veto no CS-ONU.

São a 2ª e 6ª economias (PIB-PPP) e a 2ª e 3ª potências militares. A Rússia tem o maior arsenal nuclear e a China a maior força terrestre convencional. Suas economias se complementam e a extensão de suas fronteiras comuns permite realizar trocas comerciais com baixo custo e em segurança.

Ambos mantêm forte estabilidade política e estão aplicando políticas de estado (e não de governo) de fôlego estratégico e seus presidentes ficarão longo período governando. Xi Jiping fica pelo menos até 2022 e Putin pode ser reeleito em 2018.

As declarações conjuntas não são agressivas, defendem a paz e o multilateralismo. Mas, são bem enfáticas na defesa de princípios de soberania.

Um dos projetos em curso, de grande impacto econômico e geopolítico, é a “Nova Rota da Seda”, que terá uma enorme infraestrutura de transporte cortando os dois países e encurtando o caminho comercial entre a Europa, a China e os países asiáticos.

Contra projeto dos EUA, a China fez uma ofensiva rumo a Zona de Livre Comércio da Ásia Pacífico (FTAAP), que é mais ampla e se contrapõe à TPP (Aliança Transpacífico), defendida pelos EUA e que excluía a China. Mais uma derrota dos EUA está se delineando.

Em 9 de novembro de 2014, em Pequim, 17 acordos entre a China e a Rússia foram assinados por Putin e Xi Jinping. Estão incluídos dois enormes

gasodutos entre os dois países (nas rotas oriental e ocidental) e 400 bilhões de dólares de compra de gás russo pela China durante 30 anos.

A China passou a votar favoravelmente à Rússia no CS-ONU para bloquear iniciativas do ocidente. Em vez de ter isolado a Rússia, a ação dos EUA na Ucrânia acabou consolidando um poderoso aliado.

Antes dos acordos de novembro, houve a “Declaração Conjunta” de maio de 2014 com acordos estratégicos vitais para século XXI, e para criar uma “ordem mundial justa, harmoniosa e segura” onde “os dois países continuarão a garantir um ao outro firme apoio em questões relacionadas a interesses-núcleo, como soberania, integridade territorial e segurança”.

Sinaliza a incorporação da Índia num “diálogo estratégico trilateral”; a criação de um Banco de Desenvolvimento dos BRICs; a constituição de uma cesta de moedas (que não o dólar) para os negócios internacionais, rompendo de fato o Acordo de Breton Woods; e inclui acordos e exercícios militares conjuntos.

Foi anunciada também uma aliança durante a reunião da Shanghai Cooperation Organization (SCO) para comércio e segurança, que incluem também Cazaquistão, Kirguíquistão, Tadjiquistão e Usbequistão. Índia, Paquistão, Mongólia e Iran são países observadores, mas podem se tornar efetivos.

A China dá passos largos para construir sua autonomia militar. Exemplo é uma grande empresa conjunta com a Rússia para fabricar aviões de grande porte (tipo Boeing 787) e um poderoso helicóptero, criando um novo centro de tecnologias com potencial militar.

Está ampliando sua frota de porta-aviões com sua primeira unidade nacional potente prevista para 2020; já está produzindo o caça J-15, cópia chinesa avançada do russo Sukhoi SU-33; desenvolvendo uma frota de navios de guerra para defender suas posições nos mares do Sul e do Leste; produzindo satélites militares de reconhecimento, espionagem ótica e radiotransmissões; e armas antissatélite, das mais avançados no mundo.

Está construindo duas bases aéreas (e navais). Uma no Pacífico (Mar da China Oriental) e outra no Mar do Sul, que terá o dobro da dimensão da base militar norte-americana do atol Diego Garcia. E vai enviar a sua maior força em Missões de Paz da ONU, para atuar no Sudão

E busca ter maior presença na governança da Internet, legitimando seu modo de regulação, incluindo a censura.

Enfim, a ascensão da China como potência militar e seus acordos com a Rússia questionam décadas de dominação regional dos EUA no ar e no mar. Isto não significa que estejam preparando uma contraofensiva militar, mas

certamente estão se preparando para impedir que os EUA se imponham pela violência.

Em resposta ao acordo de maio, Obama declarou na Academia de West Point que “As agressões regionais [...] no Sul da Ucrânia ou no mar da China Meridional, poderão atingir nossos aliados e envolver nossas forças armadas”. Foi a primeira acusação feita por um presidente estadunidense, nas últimas décadas, de que a Rússia e a China são ameaças militares. Os EUA podem estar sentindo que perderam o controle sobre o avanço geopolítico destes países.

### **Considerações finais**

Partindo da elaboração de Lenin e observando as contribuições de Chesnais, Boron, Harvey e Meszaros, vimos que o imperialismo sofreu transformações, surgindo uma nova etapa partir da 2ª Guerra Mundial, quando os EUA se destacam como a grande potência imperialista hegemônica. As guerras interimperialistas saem de cena, substituídas pela “convergência imperialista” e a “guerra fria” com a URSS.

A crise estrutural do capitalismo no início dos anos 1970, nos remete, com Chesnais, a uma nova fase, com a predominância do capital fictício e o espraiamento efetivamente globalizado do capitalismo para todos os setores econômicos e regiões do planeta, incluindo o bloco da ex-URSS e a China, e os EUA chegam ao seu clímax como potência imperialista hegemônica unipolar.

Nossa hipótese é a de que, agora, possivelmente estamos assistindo um novo momento, de transição deste imperialismo unipolar para uma bipolaridade imperialista, superando a situação diagnosticada pelos autores que citamos. De um lado, a ascensão da China e sua aliança estratégica com a Rússia, sob a direção chinesa, e se articulando com diversos estados, em vários continentes. De outro lado, os EUA, em processo de enfraquecimento econômico, buscando consolidar um bloco com a Europa que vive uma profunda crise e grandes dificuldades para manter o grau de unidade já alcançado.

Esta possível bipolarização nos remete a Meszaros e Harvey, sobre as contradições entre a dinâmica do capital em geral (que tende ao rompimento de fronteiras nacionais) e a lógica estatal-territorial, que é sustentada por interesses capitalistas e políticos nacionais particulares. Assim, essa transição trás consigo fortes tensões.

No limite, podem haver duas possibilidades de desenvolvimento: uma maior integração globalizada e transnacional do capital ou uma nova bipolarização radicalizada semelhante à “guerra fria” – tendo, de um lado, um bloco formado



pelos EUA e as principais potências europeias e, de outro, a China e a Rússia (com seus aliados).

Entretanto, existem duas questões muito importantes a serem consideradas, que complexificam a situação. Os blocos constroem seus espaços e áreas de influência, porém com muitas interfaces (entre as diversas potências) e superposições (nas áreas de influência).

A definição desse novo momento, entretanto, pode passar por um período de multipolaridade marcada pela instabilidade, o que já seria favorável aos interesses chineses e russos.

Finalmente, uma questão chave, ainda difícil de identificar: um fator central para um desenlace hegemônico desse processo está em saber de onde virá uma nova revolução tecnocientífica.

Para concluir, registramos aqui (mesmo sem espaço para aprofundamento neste texto) que este momento de crise do capitalismo trás consigo também, além do desenvolvimento destes dois polos imperialistas, três outros “movimentos” políticos, sociais e ideológicos: um avanço da resistência popular numa perspectiva à esquerda, que combina, novas e tradicionais formas de luta de massas e começa a aparecer também eleitoralmente na Europa (ver Grécia e Espanha); o crescimento de uma direita neofacista em diversos países; e o fenômeno dos agrupamentos islâmicos fundamentalistas militarizados - que requer uma discussão à parte. Um maior aprofundamento destas questões é necessário para compreender melhor os possíveis desenlaces desse processo que se abre com o fim da hegemonia unipolar dos EUA.

### **Referências Bibliográficas**

BORON, Atílio. “Hegemonia e imperialismo no sistema internacional”. In: Atílio Boron (org.), Nova Hegemonia Mundial. São Paulo, CLACSO, 2005.

CHESNAIS, François. A mundialização do capital. São Paulo, Xamã, 1996.

CHESNAIS, François. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: CHESNAIS, François (org.), A finança mundializada. São Paulo, Boitempo Editorial, 2005.

HARVEY, David. O Enigma do capital. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.

HARVEY, David. O Novo imperialismo. São Paulo, Edições Loyola Editorial, 2004

LENIN, Vladimir. O imperialismo, etapa superior do capitalismo. São Paulo, Centauro, 2008.

MARX, Karl. O Capital. Livro 3. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002.

MÉSZÁROS, István. O século XXI, socialismo ou barbárie? São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.

ROSDOLSKY, Roman. Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx. Rio de Janeiro, EDUERJ e Contraponto, 2001.